

Método Esther Bick: observação dos fenômenos transicionais, durante o primeiro ano de vida¹

Walter José Martins Migliorini², Assis

O conceito de objeto transicional inaugurou, na psicanálise, a investigação do uso simbólico de objetos pelo bebê em suas primeiras experiências de separação. Outras facetas do papel da materialidade e de sua importância no desenvolvimento emocional e na clínica são exploradas em conceitos como objeto precursor, objeto autístico, objeto reconfortante, objeto acessório, objeto tutor, objeto testemunho e objeto de mediação. O objetivo do presente artigo é apresentar uma visão geral desses estudos e mostrar dados sobre a observação de um bebê prematuro pelo Método Esther Bick. A constituição, perda ou recuperação da experiência de transicionalidade – sob a perspectiva do desenvolvimento do uso dos objetos inanimados – indicam um papel marcadamente ativo do bebê na experiência de sustentar o jogo com sua mãe e, na ausência desta, em interagir com objetos tutores.

Palavras-chaves: Esther Bick; Objeto transicional; Observação psicanalítica; Símbolo

¹ Trabalho apresentado no *Simpósio Clínica com niños y adolescentes: investigaciones clínicas y teóricas*, durante o X Congresso Internacional e XV Nacional de Psicología Clínica, 16 a 19 de novembro de 2017, em Santiago de Compostela, Espanha.

Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP Proc. 2015/17342-7).

² Membro filiado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

<https://orcid.org/0000-0002-5665-6936>

*Dedico esse trabalho ao psicanalista uruguaio
Victor Guerra, conhecedor da alma dos objetos.*

Em sua origem, o método Esther Bick consistia em acompanhar, de forma sistemática, o desenvolvimento de bebês nos seus dois primeiros anos de vida. Ele foi criado na década de 1940 e introduzido na Sociedade Britânica de Psicanálise em 1960 como uma atividade obrigatória para os ingressantes no curso de formação de analistas. No Brasil, o Seminário de Observação de Bebês é um pré-requisito para o candidato que deseja ingressar no curso de formação de analistas de crianças ou um complemento à formação clínica para atendimento de adultos. Embora não seja consensual entre os psicanalistas, muitos entendem que a observação da interação *mãe-bebê* é uma experiência fundamental para a clínica, uma vez que coloca o terapeuta em contato com o nascedouro dos estados mentais primitivos, sensibilizando-o para o reconhecimento das comunicações de natureza não-verbal e pré-verbal de seus pacientes.

Como o método Bick foi concebido para implementar a formação institucional de psicanalistas, os resultados de grande parte das observações ficaram, durante anos, circunscritos à comunicação interna dos seus membros. A própria criadora do método escreveu apenas quatro trabalhos sobre a observação de bebês (Bick, 1964, 1968, 1986). Embora seu método não tenha sido criado para fins terapêuticos ou para pesquisa, ele vem sendo utilizado sistematicamente em pesquisas científicas. Caron & Lopes (2014) estenderam o método Esther Bick para o período pré-natal, acompanhando gestantes desde as primeiras ultrassonografias. Vivian (2006) realizou um estudo de caso único que envolveu a observação de um bebê de família numerosa e de baixa renda. Oliveira-Menegotto, Lopes, e Caron (2010) acompanharam os cuidados de um bebê com Síndrome de Down, destacando o papel terapêutico do método.

Tais investigações exploram não apenas a interface entre a clínica e a pesquisa, mas diferentes contextos de observação, tais como creches, hospitais e instituições. A divulgação científica do método Esther Bick tem crescido desde a criação – em 1997 – do *Journal of Infant Observation*, com eventos científicos nacionais e internacionais que reúnem trabalhos sobre observação psicanalítica inspirados em seu método. Nessa perspectiva, o método Bick tem revelado a sua aplicabilidade tanto na formação de psicanalistas quanto na pesquisa científica, embora a sua finalidade não seja a de testar hipóteses, quantificar o material oriundo da observação ou validar teorias. Isso coloca a questão de como manter a especificidade do método evitando a interferência ou o direcionamento da

observação ao introduzir uma questão teórica ou prática de pesquisa. A própria atenção flutuante do observador, durante os encontros, pode ser comprometida caso a avaliação psicológica ou a psicologia evolutiva se tornem o foco das observações.

Para responder essa questão, uma estratégia metodológica é iniciar a análise temática dos registros escritos pelo observador apenas e tão somente após a finalização do processo de observação. Ou seja, destacar – a posteriori –, no material coligido, um determinado aspecto do desenvolvimento emocional. Esse procedimento foi aqui adotado com a finalidade de reconstituir a origem e o desenvolvimento dos fenômenos transicionais durante o primeiro ano de vida de um bebê nascido prematuramente. Do ponto de vista ético³, é possível, assim, atender as recomendações de respeitar, em ordem hierárquica, os seguintes níveis: a prioridade do bebê e seus pais, o interesse pela minha formação como observador e a pesquisa propriamente dita (Haag & Haag, 1997).

Mesmo tomando medidas para minimizar possíveis interferências no processo de observação, é fundamental que o pesquisador não perca de vista os limites desse tipo de pesquisa, evitando generalizações baseadas em um número restrito de observações ou projetando “teorias já constituídas sobre o material, imaginando que as estão comprovando” (Herrmann, 2008, p. 294). Sem entrar na discussão mais ampla sobre os méritos e deméritos da investigação clínica e da investigação empírica, o interjogo entre essas duas perspectivas pode ser uma ferramenta necessária para a “triangulação do conhecimento”, de modo que a psicanálise se mantenha “aberta a múltiplos espaços de indagação e reflexão” (Bernardi, 2017, p. 148) ou até mesmo para diminuir o descompasso entre formação analítica e formação acadêmica no que se refere ao modelo de observação proposto por Esther Bick. Se, nos Institutos de psicanálise, o método é praticado ao “pé da letra” e a perspectiva de pesquisa é secundária, nas Universidades, a prevalência da pesquisa com variações de procedimentos e de aplicabilidade em diversos contextos tornam irreconhecível – por vezes – o modelo original criado por Esther Bick.

A vida dos objetos

Os primeiros psicanalistas consideravam o bebê chupando o polegar como evidência da sexualidade infantil, da mesma forma que os objetos inanimados que participavam dessa atividade, ou aos quais o bebê se apegava, eram vistos como uma espécie de precursores dos *objetos fetiche* e do feticismo (Wulff & Gurfinkel,

³ Conforme Plataforma Brasil / Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 43863015.7.0000.540

2008). Winnicott (1971/1975) foi o primeiro psicanalista a compreender o chupar o dedo como uma experiência associada, porém não redutível, ao erotismo oral. O primeiro objeto que o bebê se apegar e toma como seu – o *objeto transicional* – evidenciaria o uso de símbolos, o início do estabelecimento de uma relação entre duas pessoas e certo reconhecimento da realidade compartilhada. O uso do objeto transicional se dá ao redor do desmame – compreendido aqui como o momento teórico em que a experiência de separação foi alcançada pela dupla *mãe-bebê* –, algo que indica que o bebê já é capaz de animar o seu entorno com afeto, memória e imaginação. A natureza sensorial desse fenômeno é recorrente, de modo que o bebê pode desfrutar de uma fraldinha concreta – na região entre sono e vigília – ou se acalmar com uma imagem mental da mãe, a qual sempre portará “parte dos aspectos sensoriais do objeto original” (Migliorini, 2014, p. 39).

Os objetos transicionais constituem uma evidência de uso de símbolos em um período no qual a criança ainda não faz uso sistemático e estabelecido de operações envolvendo representações mentais. Estamos aqui no período (piagetiano) sensório motor, pré-representacional, com algumas implicações a respeito da capacidade simbólica: (1) o primeiríssimo uso de símbolos coloca em trânsito tensões fundamentalmente afetivas do desmame: a separação e a independência; (2) é anterior à atividade representacional e (3) não é consequente do amadurecimento do sistema nervoso, o qual somente se completará em torno do segundo ano de vida por meio do processo de mielinização dos neurônios. Ou seja, estamos diante de um fenômeno que não é biológica ou cognitivamente determinado. Golbiner (1965), em um apêndice do livro *Primeiro ano de vida*, de René Spitz, reporta que figuravam, na literatura psicológica da época, três conceitos de objeto: o *objeto da psicologia acadêmica*, o *objeto permanente de Piaget* e o *objeto libidinal da psicanálise*. O *objeto da psicologia acadêmica* – inspirado na Física – é o objeto delimitado pelas coordenadas de tempo e espaço, e possui natureza sensorial. O *objeto permanente de Piaget* é gradualmente construído na mente do bebê por meio da experiência sensório-motora, sendo a sua natureza cognitiva e não pré-determinada por fatores ambientais ou biológicos. O *objeto libidinal* é de natureza pulsional, estando ligado aos investimentos para obtenção de prazer e evitação da dor. Proponho aqui o *objeto transicional* (Winnicott, 1971/1975) como o *quarto conceito de objeto*: aquele que se justapõe aos anteriores e não é redutível a nenhum deles. Um objeto vinculado à constituição da capacidade de brincar e um destacado indicador de saúde mental.

O desenvolvimento do uso simbólico dos objetos inanimados passa por algumas vicissitudes. Um bebê excessivamente dependente de sua mãe pode não alcançar a experiência de transicionalidade ou alcançá-la de modo incompleto,

de maneira que o contato sensorial contínuo com determinado objeto inanimado ou a presença materna concreta podem se tornar essenciais como formas de lidar com o sofrimento psíquico. Em linhas gerais, como assinala Gimenez (2003), as investigações sobre esse tema indicam que o investimento psíquico nos objetos materiais pode recair *narcisicamente sobre o sujeito* (objeto autístico); *sobre o próprio objeto* (objeto fetiche) ou *na relação da dupla mãe-bebê* (objeto transicional). Outras facetas desse tema – oriundas da clínica ou da observação de bebês – têm sido apresentadas em conceitos como os de *objeto: precursor, autístico, confusional, confortador, acessório, apoio, objeto tutor, objetos de relação e de mediação* (Guerra, 2017).

Entre as implicações clínicas decorrentes desses trabalhos, temos o acento na comunicação que a criança realiza por meio da materialidade dos objetos e as intervenções “realizadas na perspectiva dos fenômenos transicionais” (Safra, 2004, p. 7), as quais consistem – entre outros aspectos – em descobrir a função de determinado objeto material para então se chegar ao seu significado. Em contrapartida, os estudos observacionais exploram de modo incidental o tema específico da transicionalidade. Pretendo relatar aqui uma experiência de observação psicanalítica de bebês pelo método Esther Bick (1964), focalizando o campo sensorial, o uso simbólico dos objetos inanimados e a capacidade de brincar de um bebê em seu primeiro ano de vida.

Uma fralda com cabeça de urso

O bebê nasceu prematuro, em parto de emergência, na 34ª semana de vida, com o cordão umbilical enrolado em torno do pescoço. Sua família passava por um momento difícil com o falecimento recente do avô materno e o câncer da avó paterna. Aos seis meses de idade, o bebê sempre preferia ficar deitado e, quando colocado na posição sentada, se “jogava para trás, a não ser que tivesse um apoio nas costas”. A preocupação do casal com o desenvolvimento do filho logo se transformou em suspeita de um comprometimento neuromotor decorrente das condições do nascimento. Aos sete meses de idade, um tratamento fisioterápico teve início, e o uso de brinquedos e de objetos, com a finalidade de estimular ou exercitar os seus movimentos, ganhou importância também no contexto familiar.

Seus objetos preferidos eram as fraldinhas, em especial uma que tinha a cabeça de urso em uma das extremidades. Geralmente os pais amarravam uma chupeta nessa fralda e a chamavam de *Belo*. Aos três meses e vinte dias, a mãe relatou que o filho sempre dormia segurando um cobertor e que, para manter as

Walter José Martins Migliorini

mãozinhas do bebê aquecidas, precisava cobri-las com uma segunda manta. No dia desse relato, observei o seguinte:

No carrinho, o bebê ia se acalmando, enquanto agarrava a ponta de uma manta com movimentos intensos das mãos. Quando o tecido lhe escapava, parecia procurar... Faltava-lhe algo? A mãe então o ajudava, colocando a coberta novamente ao alcance das mãozinhas.

Os fenômenos transicionais organizaram-se em torno das fraldinhas e do *Belo*, sempre oferecido ao bebê na hora de dormir. Aos cinco meses e dezessete dias, presenciei o instante em que ele adormeceu fazendo uso de seu paninho predileto: *...aproximando o Belo do nariz, sonolento, abrindo, fechando os olhos, e – sempre de olho nele – ia caindo no sono devagar. Despertava e o ciclo se repetia... até que dormiu de vez.* Nesse dia, foi surpreendente a oportunidade de observar o objeto transicional – experimentado pelo bebê – em uma região intermediária entre o sono e a vigília. Essa observação ocorreu precisamente no dia em que, pela primeira vez, ele havia ficado em tempo integral na creche.

No sétimo mês, o início do tratamento fisioterápico marcou um período de mudança significativa na forma através da qual os objetos do campo sensorial passaram a ser apresentados ao bebê. No esforço de colaborarem com o tratamento fisioterápico, os pais improvisavam exercícios e brincadeiras em uma espécie de “fisioterapia doméstica”. A finalidade era ajudar o filho a se sentar sem apoio, a girar e a engatinhar. Os brinquedos aumentaram em quantidade e qualidades sensoriais, tais como cores intensas e variadas, emissão de luzes coloridas, vozes e diversos tipos de sons. Com frequência eram colocados fora do alcance do bebê, como meio de incentivá-lo ao movimento em um ritmo, algumas vezes, descompassado.

Apesar da presença desses brinquedos industrializados, seus objetos preferidos eram paninhos, potinhos de iogurte e uma caixa de papelão vazia: se alguém enchesse essa caixa com brinquedos, o bebê sempre a esvaziava, balançando-a com movimentos fortes e rítmicos. Ele gostava da caixa, porém vazia! Penso que esse jogo indicava a existência de um sentido de continência, de mundo interno, mas também a necessidade de se livrar de objetos excessivos e do excesso de estímulos fisioterápicos. Além disso, também remetia às experiências com o processo digestivo, no momento em que o bebê começava a rejeitar alguns alimentos.

Progressivamente, o apego aos paninhos desdobrou-se em um jogo no qual o bebê “cobria e revelava” o rosto para sua mãe, assim como todos os brinquedos passaram a ser chamados de *Belo*. O tratamento fisioterápico perdurou até o 11º mês de idade e, por essa época, já ensaiando alguns passos com ajuda... *apontou seu braço em minha direção, com o paninho nas mãos, parecendo querer dividir*

comigo o seu precioso objeto. No período final das observações, os fenômenos transicionais começavam a se expandir para outros objetos e mundo afora. O bebê agora ficava encantado com os latidos do cachorro de estimação de uma casa vizinha.

Ao ritmo próprio o próprio ritmo

Apesar da mudança significativa na apresentação dos objetos pela família, o bebê foi capaz de encontrar o seu *ritmo próprio* (Guerra, 2010, 2013) e, em alguns momentos, imprimi-lo à interação da dupla:

Aos oito meses e dois dias: A mãe, sempre exercitando as perninhas do filho, colocou-o de bruços e insistiu para que ele alcançasse os brinquedos. Prevalencia o tom-ritmo de 1,2,3... 1,2,3... O bebê se esforçou bastante, e isso desembocou em um choro que persistiu, aumentou e logo se tornou inconsolável. No colo, os brinquedos não conseguiam acalmá-lo por muito tempo. Logo voltava a chorar, jogando o corpo para trás (o que também havia feito para evitar a posição de bruços). A mãe então ofereceu uma papinha de frutas ao bebê (a predileta dele), que passou a comer avidamente – em um ritmo mais rápido que o movimento da mãe oferecendo as colheradas (o qual não me pareceu lento).

Passado algum tempo, o bebê começou a chorar novamente e um tanto de papinha ficou no prato. A mãe aninhou-o no colo, ofereceu uma chupeta amarrada em uma fraldinha e o Belo. Ele foi se acalmando e, quando estava prestes a adormecer, foi colocado sobre um edredom ao chão, naquela que seria a sua posição preferida. Reagiu, mas em seguida foi se acalmando e quase adormeceu.

Em um piscar de olhos, o bebê despertou e começou a interagir com os brinquedos que estavam ao seu redor. Tentou alcançar um chocalho e esforçava-se para isso, ou seja, realizava aquilo que a mãe havia proposto, insistentemente e em vão, no início dessa observação. Girou o corpo para o lado e conseguiu pegar um tambor de plástico, agitando-o. Logo a mãe voltou a dar a papinha interrompida. Dessa vez, o bebê, sentado sobre o edredom, “ajudava” na tarefa de dar de comer, levando um tamborzinho de plástico até a boca e lambendo-o. Primeiro fez isso com o próprio tambor, a cada colherada. Depois fez o mesmo com o cabo do tambor, enfiando-o na boca. A mãe tirou o brinquedo da mão do filho e este reagiu, agitando-se novamente. Ela devolveu o brinquedo ao pequeno e terminou de dar a papinha. Mãe e filho agora pareciam mais calmos e tive a impressão de que o bebê corrigiu o ritmo da dupla.

A capacidade de brincar e a sintonia entre mãe e filho foram reencontradas

Walter José Martins Migliorini

a partir do gesto do próprio bebê, que permaneceu sentado, sem apoio, para receber os alimentos, brincando com o tambor e procurando ativamente os objetos. Sem desconsiderar a dificuldade psicomotora diagnosticada pelo profissional de fisioterapia, pergunto-me se o movimento de jogar o corpo para trás não seria a procura por um apoio que proporcionasse segurança, ou seja, por uma espécie de *objeto de fundo* (Grotstein, 1981). Sabe-se que a posição encostada é adotada por alguns animais como meio de proteção natural, o que me leva a pensar nas marcas deixadas pelos riscos pelos quais o bebê passou no final da gestação, e também se, de algum modo, ele não teria pressentido o clima de luto no ambiente.

Fenômenos transicionais

No período de tratamento fisioterápico, o objeto transicional foi utilizado ativamente pela família, em momentos de agitação ou choro, como *consolador* (Winnicott, 1953[1951]/2000). O acesso aos fenômenos transicionais possivelmente preservou o bebê do risco de desenvolver um sentido de *self* ancorado na sensorialidade viso-motora ou na musculatura estriada. A dupla foi também capaz de construir *objetos tutores* – os quais se distinguem dos objetos transicionais por serem variantes, não eleitos pelo bebê e resultantes da interludicidade alcançada pela dupla (Guerra, 2017).

No conjunto, observa-se o papel marcadamente ativo do nosso bebê prematuro na constituição e sustentação dos fenômenos transicionais, ou seja, vislumbra-se a sua capacidade de estender o próprio mundo interno aos objetos materiais, emprestando-lhes imaginação, memórias e sentimentos. Uma situação traumática pode romper com esse enlace, fundindo de novo sujeito e objeto (Herrmann, 2008), o que conduz à ideia de que a alma do objeto inanimado, em sua origem, é o sujeito. Em contrapartida, a materialidade do objeto inanimado proporciona um espaço – no interior da criança – para a imaginação e para a evocação de lembranças, de sentimentos e de experiências. Alma.

Objeto anteparo

Uma coincidência traumática marcou o curso das observações: um acidente de carro provocou a perda do leite materno e o ingresso do bebê na creche. A partir desse momento, foi difícil manter um horário fixo para os encontros e coube ao observador confirmá-los a cada semana. As comunicações via mensagem de texto

se intensificaram, já que a mãe solicitava ser lembrada dos horários dos encontros regularmente, por se sentir atribulada e com receio de esquecê-los. Nesse período, o *smartphone* passou a funcionar como uma espécie de modulador da distância, aproximando ou separando a dupla, que insistia – reativamente – na regularidade dos encontros semanais. O aparelho celular transformou-se em um canal de identificação projetiva, carregado de sentidos não comunicados por palavra, em especial o sofrimento decorrente das perdas afetivas provocadas pelas interrupções: da gestação, da amamentação no peito, pelo ingresso na creche, da vida do avô materno e de todos os descompassos da rotina familiar. Um sonho do observador revela a resposta contratransferencial a essa experiência: em um momento de interrupção dos encontros às vésperas do Natal, ele sonhou que ligava para reforçar o desejo de um bom final de ano por telefone, eis que havia cumprimentado a família apenas por mensagem de texto.

Considerações finais

Voltando agora ao ponto de partida, o *quarto objeto da psicologia* é uma criação pessoal feita a dois, pois o seu surgimento incide sempre sobre a dupla. Cabe lembrar que o conceito de *objeto transicional* foi estabelecido por Winnicott (1971/2000) nas áreas fronteiriças entre a observação direta – de crianças e de bebês – e a clínica psicanalítica. O seu interesse pelo uso simbólico dos objetos inanimados – antes mesmo de nomeá-los transicionais – remonta à Segunda Guerra, quando observou que crianças separadas dos pais costumavam deixar de brincar e abandonavam os seus objetos de apego (Migliorini, 2014). O trabalho clínico depende largamente da qualidade dessas experiências iniciais, ou seja, de como se deram, na história de vida de uma determinada pessoa, a constituição e organização de seus recursos para lidar com as fraturas do processo maturacional e com a possibilidade de desfrutar a vida de modo pessoal.

Desde suas origens, a natureza científica do método Esther Bick está implícita. Pode-se dizer que ele foi concebido como um estudo de caso único, de caráter qualitativo e longitudinal, possibilitando uma investigação de natureza descritiva, sem teste de hipóteses. No presente estudo, a reconstituição da origem e do desenvolvimento dos fenômenos transicionais parece plausível, desde que realizada através da análise *a posteriori* do conjunto de registros das observações. Evidentemente, a investigação das nuances metodológicas desse procedimento merece aprofundamento, entre elas:

- a) Submeter o registro das observações a um ou mais analistas com

experiência no método Bick, solicitando que reconstituam, a partir desse material, o uso simbólico dos objetos inanimados;

- b) Utilizar o registro das observações de um colega que não tenha qualquer preocupação prévia com o tema dos fenômenos transicionais.

Cabe perguntar: por que tem sido tão pouco explorada a região de fronteira entre estudos clínicos e observacionais quando se trata – especificamente – de conceitos importantes como os de objetos e fenômenos transicionais? Por exemplo, o rico campo de investigação empírico-metapsicológica sobre a “autonomia relativa e provisória do objeto psíquico, de seus fluxos e refluxos com respeito ao eu” (Herrmann, 2008, p. 294). Do ponto de vista do estado de mente necessário ao psicanalista para explorar essa região fronteira – transicional –, Pérez-Sanchez (1997) conta que a sua mestre, Esther Bick, teve a coragem de assim responder à pergunta “o que é um terapeuta?”. A resposta: “Antes de mais nada, uma pessoa capaz de se aproximar e de apoiar o milagre da vida. Então, como fazê-lo, a não ser se aproximando do bebê? (...) o que não pode ser feito por intermédio de um artifício, mas pelo contrário, exigindo um observador e uma família” (p. 58). □

Abstract

Esther Bick method: observation of transitional phenomena during the first year of life

The concept of transitional object inaugurated, in psychoanalysis, the investigation of the symbolic use of objects by the baby, in his/her initial experiences of separation. Other facets of the role played by the materiality and its importance for the emotional development, and also in the clinical setting, are discussed based on concepts such as *precursor object*, *autistic object*, *comforting object*, *accessory object*, *tutor object*, *testimonial object*, and *mediation object*. Our aim is to present an overview of these studies and data from the observation of the first year of life of a premature baby, using Esther Bick method. The constitution, the loss, or the recovery of the transitional experience – when placed under the perspective of the evolution of the use of inanimate objects – indicate a markedly active role of the premature baby regarding the experience of sustaining the game with its mother and – in her absence –, interacting with *tutor objects*.

Keywords: Esther Bick; Transitional object; Psychoanalytical observation; Symbol

Resumen

Método de Esther Bick: observación de los fenómenos transicionales, durante el primer año de vida

El concepto de objeto transicional inauguró, en el psicoanálisis, la investigación del uso simbólico de objetos por parte del bebé, en sus primeras experiencias de separación. Otras facetas del papel de la materialidad y de su importancia en el desarrollo emocional y en la clínica son exploradas en conceptos, tales como, el objeto precursor, el *objeto autista*, el *objeto reconfortante*, el *objeto accesorio*, el *objeto tutor*, el *objeto testigo* y el *objeto de mediación*. El objetivo aquí es proporcionar una visión general de estos estudios y también datos sobre la observación de un bebé prematuro por el Método Esther Bick. La constitución, pérdida o recuperación de la experiencia de la transicionalidad – desde la perspectiva del desarrollo del uso de objetos inanimados –, indica un papel marcadamente activo del bebé en el mantenimiento del juego con su madre y – en su ausencia – interactuando con los *objetos tutores*.

Palabras clave: Esther Bick; Objeto de transición; Observación psicoanalítica; Símbolo

Referências

- Bernardi, R. (2017). Que tipo de disciplina é a psicanálise? *Livro Anual de Psicanálise*, XXXI(1), 129-152.
- Bick, E. (1964). Notas sobre la observación de lactantes en la enseñanza del psicoanálisis. *Revista de psicoanálisis*, 24, 4.
- Bick, E. (1968). The experience of the skin in early object-relations. *The International Journal of Psychoanalysis*.
- Bick, E. (1986). Further considerations on the function of the skin in early object relations. *British journal of psychotherapy*, 2(4), 292-299.
- Caron, N.A., & Lopes, R..C.S. (2014). *Aprendendo com as mães e os bebês sobre a natureza humana e a técnica analítica*. Porto Alegre: Dublinense.
- Gimenez, G. (2003). Resumen. *Revue de psychothérapie psychanalytique de groupe*, n° 41(2), 41-62.
- Golbiner, W.G. (1965). A escola de psicologia genética de Genebra e a psicanálise: paralelos e equivaências. In R. Spitz (Ed.), *O primeiro ano de vida: Um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetais*. São Paulo: Martins Fontes.
- Grotstein, J.S. (1981). Splitting, the background object of primary identification and other self-

Walter José Martins Migliorini

- object. In J. S. Grotstein (Ed.), *Splitting and projective identification* (pp. 77-89). New York: Jason Aronson.
- Guerra, V. (2010). O ritmo na vida psíquica: entre perda e reencontro. In S.M.A.-J. Zornig, & R.O. Aragão (Orgs.), *Nascimento: antes e depois, cuidados em rede*. Curitiba: Honoris Causa.
- Guerra, V. (2013). Palavra, ritmo e jogo: fios que dançam no processo de simbolização. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 20(3).
- Guerra, V. (2017). Simbolização e objetos na vida psíquica: os objetos tutores. *Jornal de Psicanálise*, 50(92), 267-287.
- Haag, M., & Haag, G. (1997). De colóquio em colóquio, por que esse sucesso? In M.-B. Lacroix, Monmayrant, Maguy (Ed.), *Os laços do encantamento: A observação de bebês, segundo Esther Bick, e suas aplicações*. Porto Alegre: Artmed.
- Herrmann, F. (2008). Investigação psicanalítica. Construção do objeto: distinção e contágio. In M. P. Mélega & M. C. Sonzogno (Eds.), *O olhar e a escuta para compreender a primeira infância*. São Paulo: Casa do psicólogo.
- Migliorini, W.J.M. (2014). O objeto transicional pode ser uma pessoa? Teoria e clínica/Can the transitional object be a person? Theory and clinic. *Winnicott ePrints. Revista Internacional de Psicanálise Winnicottiana*, 9(2), 30-48.
- Oliveira-Menegotto, L.M., Lopes, R.C.S., & Caron, N.A. (2010). O método Bick de observação da relação mãe-bebê: aspectos clínicos. *Psicologia Clínica*, 22(1), 39-55.
- Pérez-Sánchez, M. (1997). A observação de bebês, segundo Esther Bick, uma pauta musical. In M.-B. Lacroix, M. Monmayrant (Ed.), *Os laços do encantamento: A observação de bebês, segundo Esther Bick, e suas aplicações*. Porto Alegre: Artes médicas.
- Safra, G. (2004). A vassoura e o divã. *Carta 52: Cadernos da Sociedade Psicanalítica da Paraíba*, 02(mar).
- Vivian, A.G. (2006). O desenvolvimento emocional de um bebê em uma família numerosa: uma aplicação do método Bick.
- Winnicott, D.W. (1971). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D.W. Winnicott (Ed.), *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- Winnicott, D.W. (2000). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D.W. Winnicott (Ed.), *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado 1953[1951])
- Wulff, M., & Gurfinkel, D. (2008). Fetichismo e escolha de objeto na primeira infância. *Percursos*, 40(junho), 40-49.

Recebido em 26/11/2019

Aceito em 08/01/2020

Método Esther Bick: observação dos fenômenos transicionais, durante o primeiro ano de vida

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**
Revisão técnica de **Kátia Ramil Magalhães**

Walter José Martins Migliorini
Alameda Marselha, 50
D'Ville Residencial
19815-606 – Assis – SP – Brasil
wjm.migliorini@icloud.com

© Revista de Psicanálise – SPPA